

História do Grupo Identidade: uma década de vida e contribuições

Pedro Acosta-Leyva¹, Ezequiel de Souza² e Luis Carlos Mello³

*Desde o insondável da negritude
Acaricio o ecoar eterno de minha africanía.
Ouço o cântico de Marcus Garvey e Dubois
Sentados no trono do pan-africanismo.
Vejo a dança sutil
E equilibrada de Cesaire, Seghor e Fanon
Que mexem seus corpos no ritmo da negritude.
Sinto vibrar o tambor do afro-centrismo
Nas mãos de Cheikh Anta Diop.
Cântico, dança e tambor:
Tudo isso percebo como uma festa teórica
Onde todos são convidados⁴.*

Desfazendo alguns mitos

Os primeiros afro-descendentes que ingressaram na Escola Superior de Teologia (EST) o fizeram a partir da chegada do professor Peter Nash. A IECLB, por razão de seu passado escravista, não permitia a presença do povo negro. A IECLB abriu as portas para os afro-descendentes por ter uma ética evangélica. Estas três afirmações, se não são completamente falsas, pelo menos são meias verdades, e toda meia verdade é, ou pode ser, uma meia inverdade. O aspecto plausível ou a parte de verdade das afirmações anteriores se comprova na história. Primeiro, desde a década de oitenta estudaram na EST alguns estudantes afro-descendentes, entre os quais conhecemos José Alipia Gonçalves Vegas, que começou em 1979 e trancou sua matrícula em 1984, e Vilmar Machado dos Santos, que conseguiu se formar em 1983. Segundo, de acordo com a pesquisa realizada por Ricardo

Brasil Charão, nas comunidades evangélicas luteranas de Estância Velha, Hamburgo Velho e São Leopoldo comprova-se a existência de escravos. No entanto, estamos convencidos de que os poucos membros luteranos que tinham escravos não podem constituir o parâmetro para classificar uma imensa maioria de luteranos da IECLB que foram e são honestos trabalhadores dedicados a suas pequenas propriedades e que seu caráter e sua consciência de fraternidade humana e cristã são dignos de ser catalogados com toda a honra que merecem. É uma vergonha que uns poucos tenham se envolvido na escravidão, mas é motivo de orgulho que a maioria dos membros da IECLB foram e são pessoas que levaram e levam o nome de Jesus Cristo tal como a Bíblia prescreve. Em terceiro lugar, as portas da IECLB não foram abertas só pela ética evangélica, ainda que este aspecto colaborasse, mas porque convergiram a força do movimento negro brasileiro e a

chegada da carismática personalidade do professor Peter Nash.

Tecendo Identidade – 1996-2000

Os anos noventa foram um tempo que os afro-descendentes brasileiros estavam se estruturando em diversas ONGs com diferentes matizes. Houve grupos negros de grande vinculação com a política, outros aderiam ao viés da cultura, e ainda outros nasceram no seio das igrejas. Por exemplos na Igreja Católica, em São Paulo, se criou o Centro Atribaque de Cultura Negra e Teologia, e, na Igreja Metodista, em Porto Alegre, nasceu o Centro Ecumênico de Cultura Negra - Cecune. Já nos anos oitenta surgiram alguns grupos dentro das igrejas, mas foi nos anos noventa que as ONGs negras se multiplicaram e se espalharam. Nessas circunstâncias o professor Peter Nash, afro-norte-americano, chegou à Escola Superior de Teologia e começou a ministrar aulas de Bíblia e a dialogar com os afro-descendentes que estudavam na EST. O diálogo de Peter Nash com os afro-descendentes não foi obra fácil, pois alguns deles se autodefiniam como “sarahás”, “de cor carioca”, “morenos”, “mulatos” “escurinhos”, mas muito poucos aceitavam ser reconhecidos como **negros**. Foi a partir de reuniões celebrativas, na casa de Peter Nash, que esses “sarahás”, “de cor carioca”, “escurinhos” foram identificados de forma consciente pelos seus colegas teuto-brasileiros como negros, e eles mesmos começaram a entender-se e sentir-se à vontade com sua identidade negra. Assim, ficou tecida, por um lado, uma identidade atribuída aos negros pelo grupo branco que era a maioria; e, por outro lado, estabelecia-se uma identidade adquirida, isto é um auto-

reconhecimento ou uma auto-aceitação de sua condição humana negra. Se nos primeiros encontros os afro-descendentes na EST andavam quase sem se perceberem, já no ano 2000 tinham a alegria e a firmeza de se autoproclamarem negros e negras.

Gestando Negritude – 2000-2003

As palavras de Dubois: “quando se é negro, sabe-se que se tem uma mensagem para a humanidade” uma vez mais se cumpriram. Os luteranos negros na EST, a partir de 2000, não ficaram como quem encontra um tesouro e o guarda; pelo contrário: explodiram de vontade de falar e aprender mais a respeito de sua grande descoberta: a **negritude**. Parecia que haviam nascido de novo. Tinham um resplendor de negritude que contagiava. A cada dia encontravam autores negros para alimentar suas suspeitas. Somos negros! Este era o grito de felicidade que se lia nos rostos e nos trabalhos que apresentavam nas diferentes disciplinas e nas aulas. É interessante que apenas em oito anos tenham passado de pessoas classificados com termos racistas inventados na época da colônia com o objetivo ideológico de dividir o povo negro em “sarahás”, “de cor carioca”, “escurinhos”, para uma identidade **negra** capaz de projetar-se com o propósito libertador de alcançar outros. Neste período se formaram no bacharelado em Teologia na EST Günter Padilha, Lurdilene da Silva, Francisco Rafael Soares dos Santos, Adriano Henrique Otto, uma turma que se dedicou ao trabalho em favor de uma causa nobre. Seus trabalhos eram feitos com o objetivo de desmistificar o conceito de opressão, dando lugar para um novo horizonte de liberdade. Eles

estavam identificados com a causa da liberdade, especialmente na perspectiva intelectual e na obra pastoral. Sua preocupação era demarcar fronteiras ou talvez relativizá-las, afirmando que negros e negras podem pensar e ter opinião, igualdade e justiça.

Transformações – 2003-2005

A turma formada no período de 2000 a 2003 foi um incentivo para a transformação do grupo. Eles não só estavam pensando em si próprios, mas olhavam para frente, isto é, para os futuros estudantes e os obreiros da Igreja como um todo. Paralelamente às motivações deles, aconteceram dos fatos de grande importância: primeiro, a saída de Peter Nash, que retornou para sua terra natal e deixou um legado, uma consignação, um grupo com identidade definida e uma missão. O segundo fato foi a chegada da professora Maricel Mena López, de origem colombiana. Diferentemente de Peter Nash, ela não era pastora, e sim uma biblista católica, o que deslocou o eixo da ênfase poimênica reinante até o momento no grupo para a pesquisa. Deste modo, o grupo levou todas as suas atenções para o campo da intelectualidade e, aos poucos, foi tomando lugar em diferentes eventos nacionais e internacionais.

Em 2005, o grupo experimentou outras três transformações: 1) A mudança de coordenação; a professora Maricel Mena López retornou para sua pátria, e, pela primeira vez, uma afro-brasileira, a professora Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer, assumiu a liderança. 2) O grupo ganhou espaço na EST implementando uma disciplina optativa de estudo sobre cultura afro-brasileira. 3) Com a nova liderança afro-brasileira tem-se uma aproximação

tanto com os movimentos de base como com as instituições de ensino superior da Grande Porto Alegre. A partir daí, o grupo desencadeou um novo caminho, que o fez estabelecer-se como um referencial de pesquisa e intelectualidade. E foi assim que o grupo assumiu como seu principal objetivo a investigação, tornando-a um instrumento adequado para a libertação dos saberes que pode ser analisado através das publicações.

Boletim *identidade!*

A descoberta da negritude foi um processo de autoconhecimento. Conhecer a si mesmo é uma experiência libertadora. A convivência e partilha de experiências despertaram a percepção de que era possível contribuir para que a Igreja tivesse abertura para o “diferente”. No horizonte, visualizava-se a publicação de algum tipo de material que auxiliasse os afro-descendentes a ter orgulho de sua origem e, ao mesmo tempo, a se sentir confortáveis na igreja “dos alemães”. Não havia ainda a definição quanto ao formato da publicação. Apenas o conteúdo estava definido: a negritude.

A oportunidade de realizar esse sonho ocorreu quando o professor Peter Nash assumiu o projeto *Negritude na Bíblia e na Igreja*, em março de 2000. A pergunta acerca do tipo de publicação tornou-se mais presente. A decisão tomada foi a de publicar um boletim informativo, no qual seriam relatadas experiências de afro-descendentes e as atividades que os membros do grupo realizassem. Foi nesse estilo que o primeiro número do boletim *identidade!* foi publicado, ainda no ano de 2000, contendo seis pequenos artigos, algumas poesias e a apresentação dos autores e da

autora. Tratava-se de uma publicação modesta. O boletim relatou experiências adquiridas na vivência e descoberta da negritude por parte dos autores e da autora.

O primeiro artigo tinha como autor o professor Peter T. Nash: **Negritude chegou! Mas o que é?** Este é um texto que apresenta o boletim *identidade!*, justificando sua criação como sendo necessária em um mundo plural. O professor Nash relata experiências vivenciadas como docente, bem como os desafios impostos à Igreja a partir da negritude. Nesse artigo, há uma definição do conceito *negritude* que acompanha o Grupo Identidade desde seu início, quando ainda era o Grupo de Negros e Negras da Escola Superior de Teologia:

Negritude é assumir a própria essência negra de uma pessoa ou de um grupo (...). Não é uma coisa que tem a ver somente com pobreza ou opressão, mas também com heranças familiares e culturais fartas (...). A negritude então é mais uma caminhada do que uma coisa fixa.

Qual deve ser o perfil de um/a estudante de Teologia? Esse é o sugestivo e provocador título do artigo de Lurdilene da Silva. A partir de sua experiência de estágio, em uma comunidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil majoritariamente composta por teuto-descendentes, da Silva questiona os estereótipos formados acerca dos estudantes de Teologia e, por extensão, os estereótipos acerca dos obreiros e obreiras e da igreja como um todo. Relatando sua experiência de intercâmbio em Cuba, da Silva encerra seu artigo fazendo um questionamento incisivo: "Até quando a IECLB será uma

igreja de alemães para as comunidades? Quando mudaremos esta imagem que é passada para fora do morro?"

Günter Padilha compartilha sua experiência de intercâmbio com o artigo **El Salvador: O país da alegria!** Neste artigo, Padilha relata que o povo salvadorenho vale-se da criatividade e do humor para superar as adversidades. Segundo sua percepção, El Salvador carrega ainda hoje as conseqüências do período colonial, conseqüências estas visíveis em pelo menos dois aspectos principais: na questão identitária e racial. Padilha conclui seu artigo com uma avaliação positiva das experiências que fez durante o período de intercâmbio:

Neste pequeno país percebi uma riqueza de valores: um povo que não deixa morrer a esperança, que trabalha de sol a sol, que ri, que chora, que aproveita qualquer recurso para exercer sua criatividade e mostrar sua cultura e caráter."

Existem duas Bahias é um texto de Francisco Santos no qual o autor relata sobre o estágio que realizou na Bahia. Este artigo resume o período de estágio com três conceitos: alegria, fome e preconceito. Mas quais são as duas Bahias? Uma é a Bahia dos brancos, rica e segura. A outra é a Bahia dos negros, pobre e onde falta a dignidade. Ainda assim, a seu ver, o povo baiano mantém a alegria de viver, usando criatividade e aproveitando as belezas naturais de seu estado.

José Alencar Lhulhier Jr. relata como é **Um dia na vida de um intercambista**. O autor descreve as atividades que realizou no dia da Páscoa durante seu intercâmbio na África do Sul. Trata-se de um pequeno texto poético, no qual ele exprime sua alegria

por estar tendo a oportunidade de trocar experiências em um país africano.

Para concluir, **Uma experiência do Espírito Santo na religiosidade cristã negra** é o artigo mais elaborado teoricamente neste número inaugural do boletim *identidade!* Trata-se de um pequeno ensaio de Adriano Otto, no qual o autor dialoga com dois expoentes da Teologia da Libertação: José Comblin e Carlos Mesters. Esse texto pode ser considerado a primeira elaboração teórica apresentada ao público pelo grupo de jovens teólogos negros, abrindo as portas para o amadurecimento teórico do grupo como um todo.

Em relação a Comblin, Otto afirma que as mudanças no modo de ler a Bíblia já eram realizadas no período da escravidão negra no Brasil. À medida que escravos aprendiam a ler, havia a descoberta das maravilhas narradas na Bíblia. E essas descobertas eram compartilhadas entre os colegas de servidão. O Deus descoberto pelos escravos não compactuava com a opressão, mas caminhava com seu povo na busca por libertação. Já em diálogo com Mesters, Otto afirma que a “leitura popular da Bíblia” era a forma como os negros interpretavam a sua realidade de opressão. Essa interpretação não pode ser considerada como fundamentalista, pois entendia a Bíblia como palavra viva. A própria leitura da Bíblia é interpretada por Otto como sendo uma experiência com o Espírito Santo.

Fases do boletim *identidade!*

O primeiro número do boletim *identidade!* foi *sui generis*. Como não havia previsão da sua receptividade, ele, foi elaborado em forma de “boletim informativo”. No entanto, a repercussão que o boletim teve tornou visível a

lacuna existente entre as descobertas acadêmicas e a comunidade negra. Os materiais produzidos na academia não chegavam às comunidades e, quando chegavam, apenas uma pequena parcela da comunidade negra podia apropriar-se deles, devido à sua linguagem técnica. Fazia-se necessária a divulgação dos resultados das pesquisas em linguagem não-técnica e com baixo custo.

A partir do segundo número do boletim *identidade!*, o Grupo de Negros e Negras da EST decidiu disponibilizá-lo para ser essa ponte entre a academia e as comunidades negras, ao mesmo tempo em que era um canal de visibilidade da presença negra na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Por isso, a prioridade passou a ser a publicação de resultados de pesquisas sobre a negritude. Manteve-se espaço para a divulgação da cultura negra e a partilha de experiências, mas a ênfase não era mais essa.

Primeira fase

A primeira fase do boletim *identidade!* iniciou com o segundo número, ainda no ano de 2000, e se estendeu até a edição de 2003. Foi em 2003 que a história do Grupo de Negros e Negras da EST se transformou em história do Grupo Identidade, com o retorno do professor Peter Nash aos Estados Unidos. Nesse período foram publicados seis números, com duas características em comum: a) Diversidade temática; b) Brevidade dos textos.

A diversidade temática era resultado das pesquisas individuais dos membros do grupo. Como o grupo não possuía uma linha de pesquisa, cada integrante pesquisava temas que lhe eram relevantes. Na hora da divulgação,

havia uma salutar pluralidade. Os textos eram breves a fim de proporcionar a inclusão do maior número possível de artigos por número. Era uma forma de incentivar e valorizar as pesquisas feitas. Textos mais longos eram divididos em vários números do boletim.

Isso em nada diminui a importância e o mérito desse período. Esses pioneiros abriram picadas na mata teológica, caminhos esses em que o grupo iria andar no período seguinte. O tributo da nova geração, em reconhecimento aos fundadores e desbravadores, foi a organização e a publicação do livro **Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha**, que encerrou com chave de ouro esse período formativo.

Segunda fase

A segunda fase do boletim *identidade!* iniciou com a publicação do primeiro, número de 2004. A mudança de perspectiva não ocorreu por acaso. Com o regresso do professor Peter Nash aos Estados Unidos, houve ampla discussão acerca da continuidade do grupo, sua estruturação e a delimitação de objetivos definidos. Essa discussão ocorreu durante o ano de 2003 e trouxe reflexos para a produção acadêmica do grupo. "O Grupo Identidade tornou-se um espaço para a reflexão e pesquisa na área da negritude de forma definitiva." Ilustrativa é a apresentação deste primeiro número, formulada pela professora Maricel Mena López, sucessora de Nash na coordenação do grupo:

Neste ano temos algumas novidades em nosso boletim. A partir deste número o boletim será semestral e abordará tematicamente assuntos relacionados com a negritude no

campo bíblico-teológico e em outras áreas, tais como: educação, saúde, história, geografia, sociologia, etc."

O primeiro número do boletim *identidade!* dessa fase foi confeccionado como subsídio para a reunião anual da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, RIBLA. O tema da reunião de RIBLA e do boletim foi: **Raízes afro-asiáticas do mundo bíblico**. Desde então, foram publicados quatro números, com duas características em comum: a) Unidade temática; b) Textos mais amplos.

A reestruturação do grupo permitiu a divisão de tarefas e o aumento da logística. Com isso, a definição do tema de cada número do boletim é tomada em reunião de planejamento com um ano de antecedência. Logo após, o grupo delega a um integrante a tarefa de selecionar os artigos que serão publicados, liberando os demais para a pesquisa. Os textos selecionados são mais amplos para que possam servir de subsídios em aulas e cursos, bem como em palestras, oficinas e seminários. Com o aumento do espaço para a exposição das idéias, houve a qualificação dos materiais publicados. Os temas trabalhados foram:

2004/01 – **Raízes afro-asiáticas do mundo bíblico**

2004/02 – **Educação e negritude: Currículo inclusivo, um desafio para as escolas brasileiras**

2005/01 – **Refletindo sobre África**

2005/02 – **Nossa história afro-negra nas Américas**

No ano das comemorações dos 60 anos da Escola Superior de Teologia, é salutar que lembremos os 10 anos de existência do Grupo Identidade, antigo Grupo de Negros e Negras da Escola Superior de Teologia. Isso porque o apoio dessa instituição foi de

fundamental importância para o êxito de nossos trabalhos, bem como para o nosso amadurecimento teórico. Dessa forma, o primeiro número do boletim *identidade!* de 2006 é uma edição comemorativa, trazendo um pouco de nossa história.

Outras publicações

O boletim *identidade!* é o meio de divulgação das pesquisas do Grupo Identidade. Sua distribuição é gratuita e é mantida graças ao apoio da Evangelical Lutheran Church in America – ELCA e da Federação Luterana Mundial. No entanto, o grupo já possui dois livros publicados: **Abrindo sulcos** e **Bíblia e negritude**. Ainda para o ano de 2006 está sendo confeccionado o livro **Negra sim, negro sim como Deus me criou**, em parceria com o CEBI e com o Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia, resultado de um Seminário realizado em agosto de 2005, em Guarulhos/SP.

Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha

Muitas vezes, a identidade étnica do pesquisador negro é subsumida no momento da divulgação dos resultados de sua investigação científica. No entanto, os membros fundadores do Grupo de Negros e Negras da Escola Superior de Teologia ousaram partir de suas experiências de afro-descendentes para a reflexão teológica, entendendo que sua condição étnica é um fator importante nessa reflexão.¹⁶

Em 2003, durante a reestruturação do grupo, os novos integrantes decidiram homenagear os pioneiros, reunindo sua produção acadêmica concernente à negritude. Essas pesquisas foram reunidas e publicadas

sob a forma de um livro: **Abrindo sulcos**. A escolha dessa metáfora se deu porque reconhecemos que o trabalho de cavar no campo teológico já havia sido efetuado pelos fundadores do grupo; à nossa geração cabia a tarefa de colocar sementes nos sulcos abertos por eles, na expectativa que a geração vindoura possa dar continuidade a esse labutar, como se expressa na apresentação do livro:

Os textos que estamos partilhando neste livro dão conta dos avanços e perspectivas da teologia e hermenêutica bíblica negra que se constroem e se aprofundam na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).¹⁷

A preocupação do grupo era articular a reflexão teológica sobre a negritude e as práticas pastorais das comunidades da IECLB, onde a presença negra é reduzida, criando sensibilidade para um diálogo fecundo. Dessa forma, o livro foi subdividido em dois grandes blocos: o primeiro destaca a história e a cultura do povo negro; o segundo exercita a hermenêutica bíblica negra. A acolhida desse livro foi além de nossas expectativas. A primeira edição se esgotou em poucos dias. Em 2004, devido à crescente procura, foi lançada a segunda edição, que, entretantes, está esgotada também.

Bíblia e negritude: Pistas para uma leitura afro-descendente

O segundo livro publicado pelo Grupo Identidade, em parceria com o CEBI, foi **Bíblia e Negritude**. O seu objetivo principal era o de reunir em um só volume artigos que

evidenciavam a presença negra na Bíblia. Essa obra pode ser empregada como subsídio para oficinas, palestras e seminários, ao mesmo tempo em que mantém um caráter seminal, gerador de novas pesquisas e descobertas.

Com uma linguagem cativante, este livro serve para a pesquisa individual bem como para estudos em pequenos grupos. De fácil compreensão, atinge uma ampla gama de leitores que **Abrindo sulcos** não atingia, por se tratar de uma obra acadêmica. A hermenêutica bíblica negra é explorada pelos autores de forma profunda e dinâmica, tendo como resultado uma multiplicidade de apropriações desse conhecimento adquirido após vários anos de intensas pesquisas.

Eventos e participações

O Grupo Identidade priorizou a pesquisa sobre a negritude, sem com isso descuidar da formação de agentes de pastoral negros e de sua responsabilidade junto à comunidade negra. O primeiro momento em que o grupo proporcionou um evento para discutir a questão da negritude foi a Semana Acadêmica de 2000, com o tema **Cristologia na sociedade pluralista brasileira**, realizada na Escola Superior de Teologia. Após esta primeira exposição pública, o grupo promoveu e participou ativamente de inúmeras atividades, que podem ser classificadas em:

- a) locais e regionais;
- b) estaduais e nacionais;
- c) pan-americanas e mundiais.

Foram muitas as assessorias que o grupo realizou no âmbito da Escola Superior de Teologia e no município de São Leopoldo. Queremos chamar a atenção para a oficina **Juventude e**

Políticas Afirmativas, realizada em janeiro de 2005, em parceria com a Coordenadoria da Juventude da Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Nessa ocasião, dialogamos sobre quotas universitárias para alunos afro-descendentes.

Em nível estadual, o **Programa de Formação de Agentes de Pastoral Afro** (PROFAMPA), realizado em parceria com os APNs/ CNBB Sul 3, e com o Centro Atabaque, teve boa aceitação e participação. Além disso, outros cursos foram ministrados pelo Grupo Identidade, com especial menção do curso **Espiritualidade e Religiosidade Africana**, realizado em Bagé, Rio Grande do Sul. Em nível nacional, destacam-se os simpósios **ABRINDO AS PORTAS DA IGREJA**, realizado em 2001 e 2003. Em 2005, o Grupo Identidade esteve representado na marcha **Zumbi + 10**, em Brasília.

O **Encontro Anual da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana** (RIBLA), em 2004, o **I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**, em agosto de 2004, a **IV Conference of International Black Lutherans** (CIBL), em 2005, e o **Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade**, em julho de 2006, foram eventos em que havia participantes de todo o continente americano. Para concluir, o Grupo Identidade marcou presença no **Fórum de Missão da IECLB, em julho de 2006**.

Teve participação em eventos mundiais, como a **Terceira Consulta Internacional de Teologia Negra**, em 2003, o **Fórum Social Mundial**, em 2005 e a **9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas**, em

2006. Em todas essas atividades, procuramos dar visibilidade ao nosso compromisso com a comunidade negra e com o evangelho de Jesus Cristo a partir de nossa ação e contribuição conceitual e teórica para a afro-negritude. Com humildade, trabalho e dedicação, vamos conquistando espaços. Nesses 10 anos de Grupo Identidade, podemos celebrar com alegria o fato de que houve mudanças em direção ao reconhecimento do valor e da beleza da diversidade, inclusive dentro da Igreja.

Notas

- 1 Pedro Acosta-Leyva, teólogo afro-cubano, formado no Seminário Evangélico de Matanzas/Cuba, mestre pela Escola Superior de Teologia-EST/São Leopoldo, integrante do grupo de pesquisa *Identidade* e doutorando na EST, E-mail: leyvapal@yahoo.com.br.
- 2 Ezequiel de Souza é acadêmico da Teologia na EST, estuda Ciências Sociais na UFRGS e é integrante do grupo de pesquisa *Identidade*. E-mail: ezequiel_souza@yahoo.com.br.
- 3 Luis Carlos Mello é acadêmico de Teologia na EST e integrante do grupo de pesquisa *Identidade*. E-mail: luisctmello2000@yahoo.com.br.
- 4 Pedro ACOSTA LEYVA. *Comentário bíblico da afronegitude*. Inédito.
- 5 Cf. Pedro ACOSTA-LEYVA. El quehacer teológico con énfasis en la etnicidad: un abordaje a las experiencias de los afrodescendientes en el Seminario Evangélico de Teología en Matanzas y en la Escola Superior de Teologia em São Leopoldo. In: I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, 2004.
- 6 Para mais detalhes sobre escravos na IECLB. Cf. Ricardo Brasil CHARÃO. Repensando a nossa história, p. 3ss.
- 7 Cf. José Alencar LHULHIER JÚNIOR, *Afro-descendentes soltam o verbo na "Igreja dos Alemães"*: Afro-descendentes buscando espaço dentro da IECLB. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003, p. 26. (Monografia inédita).
- 8 Cf. Peter Theodore NASH, *Negritude chegou! Mas o que é? Boletim identidade!*, v. 1, n. 1, p. 7.
- 9 Peter Theodore NASH, *Negritude chegou! Mas o que é? Boletim identidade!*, v. 1, n. 1, p. 7.
- 10 Lurdilene DA SILVA, Qual dever ser o perfil de um/a estudante de Teologia? *Boletim identidade!*, v. 1, n. 1, p. 4.
- 11 Günter Bayerl PADILHA, El Salvador: O país da alegria!!. *Boletim identidade!*, v. 1, n. 1, p. 3-4.
- 12 Cf. José Alencar LHULHIER JÚNIOR, *Afro-descendentes soltam o verbo na "Igreja dos Alemães"*: Afro-descendentes buscando espaço dentro da IECLB. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003, p. 28. (Monografia inédita).
- 13 Cf. José Alencar LHULHIER JÚNIOR, *Afro-descendentes soltam o verbo na "Igreja dos Alemães"*: Afro-descendentes buscando espaço dentro da IECLB. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003, p. 28. (Monografia inédita).
- 14 Maricel MENA LÓPEZ, "Apresentação". *Boletim identidade!*, v. 5, p. 3.
- 15 Cf. Peter Theodore NASH, *Negritude na Bíblia e na Igreja: Uma história. Palmares*, p. 37.
- 16 Maricel MENA LÓPEZ; Peter Theodore NASH, *Apresentação. Abrindo sulcos*, p. 7-8.
- 17 Cf. Peter Theodore NASH, *Negritude na Bíblia e na Igreja: Uma história. Palmares*, p. 38.